

do trabalhador ou da trabalhadora.

A concessão de casas para os empregados que ocupavam posições estratégicas na hierarquia da empresa, com pagamento de aluguel simbólico, foi também elemento importante no conjunto de benesses oferecidas pela empresa. Na década de 1980, com as mudanças nas relações de trabalho ligadas ao processo de racionalização que a empresa atravessava, estas casas deixaram de ser cedidas para esses trabalhadores que passaram a pagar aluguel para permanecer morando nelas, ou tiveram que se mudar.

Aos poucos, e na medida em que a lutas políticas dos trabalhadores brasileiros avançavam rumo à conquista de direitos, especialmente na década de 1980, a fábrica incorporava mais alguns benefícios. Exemplo disso foi o oferecimento de um desjejum mais completo que deixou de ser apenas café com leite e incluiu também um pão francês com manteiga. Este oferecimento visava criar condições para um trabalho vigoroso, visto que muitos trabalhadores e trabalhadoras saíam muito cedo de casa para o trabalho, e boa parte deles sequer tinha condições de se alimentar em suas casas.

A creche, organizada na década de 1980 para abrigar os filhos das trabalhadoras até completarem um ano e meio, foi uma conquista por suas reivindicações e garantiu o cumprimento de uma exigência da fiscalização trabalhista.

O conjunto de benefícios gerava gratidão, fidelidade e respeito à empresa. O bom acolhimento dos trabalhadores da fábrica de Meias Lupo na cidade e no comércio local fazia-os sentir-se privilegiados. A percepção da empresa como a segunda casa e dos patrões como pais generosos, por muito tempo inibiu a formação de uma consciência crítica capaz de articular lutas em torno de interesses comuns. Mas não impediu que ações e manifestações de resistências se manifestassem no cotidiano do trabalho e mais tarde, na década de 1990, resultassem na formação de um sindicato - o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis de Araraquara.

Este fato por sua importância fundamental, pelo seu significado, bem como todas as mudanças verificadas a partir dos anos 1990, marca a inauguração de um novo momento na história desta empresa e do grupo social constituído por seus trabalhadores e trabalhadoras e de Araraquara. Mas este, como afirmado, é outro momento. Momento marcado por rupturas e continuidades, cuja claridade somente pode ser alcançada a partir da história aqui registrada.

A história do grupo social constituído pelos trabalhadores e principalmente pelas trabalhadoras da Fábrica de Meias Lupo, atual LUPO S/A, é sem dúvida uma história de trabalho, mas acima de tudo uma história de vida. Vida que mescla momentos de alegrias, mas também de muita luta. Luta para garantir a sobrevivência, e muitas vezes, mesmo em meio a opressão, tornar os dias mais felizes.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Inácio de Loyola; TELAROLLI, Rodolpho. Addio Bel Campanile: a saga dos Lupo. São Paulo: Global, 1998.

CAIRES, Ângela Cristina Ribeiro. Fios Tecidos: a malha da terceirização no setor têxtil em Araraquara. 380 f Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara, 1999.

ROUANET, Sérgio Paulo. A Razão Nômada: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993

USINA TAMOIO: LUGAR DE TRABALHO E DE VIDA

Angela Cristina Ribeiro Caires¹

RESUMO

Este texto resgata a história da Usina Tamoio e do grupo social constituído por seus trabalhadores e moradores, no período de 1917 a 1969. Antes de mais nada, é uma história de homens, mulheres e crianças que lá moraram, trabalharam e viveram. Mais do que o resgate da história da empresa, procura recontar, por meio das próprias vozes dos sujeitos, de suas vivências, experiências e memórias uma história de vida e de trabalho. História que ficou marcada no corpo e na alma dessa gente trabalhadora que fez da Usina Tamoio um importante patrimônio de Araraquara.

Palavras-chave: Usina Tamoio. História. Trabalho e Vida.

ABSTRACT

This text recalls the history of Tamoio Mill and of the social group made up of their workers and residents in the period from 1917 to 1969. First of all, it is a story of men, women and children who worked and lived there. More than the rescue of the history of the company, it tries to retell, in the subjects' voice, their experiences and memories, a story of life and work. A story that was marked in body and soul of these hard-working people who made the Tamoio Mill an important legacy to Araraquara.

¹ Faculdade do Interior Paulista, Barra Bonita
email: angelacaires@uol.com.br

INTRODUÇÃO

USINA TAMOIO: lugar de trabalho e de vida! Terra abençoada, de amizades, alegria, prazer e muita solidariedade... Para muitos o paraíso, o berço esplêndido, o melhor lugar para trabalhar e viver. O gigante adormecido cujo sono não atinge, nem de longe, a memória de seus antigos trabalhadores e moradores.

As lembranças e recordações do passado enchem de saudades o coração. Tamoio era lugar da morada e da vida, a casa, o lar... Recanto de trabalhar e de um viver que, como tatuagem, marcou corpos e ficou impresso em almas de homens e mulheres. Vida vivida, experiências sentidas, não esquecidas e que continuam a povoar a memória... Que se tenta resgatar nas pequenas oportunidades: uma visita em lugar onde se encontra um antigo amigo, uma festa ou um velório.... Tudo é possibilidade!

É esta a percepção que se tem quando se fala com os Filhos de Tamoio. Uma legião de homens e de mulheres, antes crianças, jovens... Hoje, gente madura, com novas experiências, novas vivências, mas que guarda na memória as lembranças de passado. Muitos já se aposentaram. Outros ainda estão na labuta. Alguns já se foram para outra morada. Gente que teve a oportunidade de viver e trabalhar na Usina Tamoio, em um tempo crucial da história da empresa e de sua própria história.

É como sujeitos, como alguém que também fez história, que hoje voltam o olhar para aquele lugar e recordam... Recordam do trabalho, das festas, do futebol, das horas de lazer, da alegria, das tristezas, enfim da vida. As lembranças representam o momento da revivescência marcada pela saudade, pelo desejo do retorno em um lugar e em um tempo que não volta mais. Falas emocionadas revelam uma maneira peculiar de perceber e representar um mundo e um tempo que ficou para trás. Sempre carregadas de paixão não permitem contestação, um desacordo, um senão...

Foi este o sentimento que percebi por ocasião da pesquisa efetuada para o meu mestrado realizado entre os anos 1988 e 1993, e continua sendo este o

sentimento que hoje se percebe quando se fala de Tamoio. O tempo passou. Os adultos envelheceram. Os jovens amadureceram. As crianças se tornaram adultas. Agora têm suas famílias, seus lares, uma nova história. Nova sim, porém não outra. Uma história de continuidade. Muitos já não estão mais aqui. Mas para aqueles que cá ainda estão Tamoio continua sendo a casa, o lar, a morada da qual sentem saudades.

Há pouco tempo, quando viajava para a cidade de Santa Rita do Passa Quatro para visitar o antigo e belo Jequitibá que, ativo, se mantém firme no Parque Estadual de Vassununga, situado no quilômetro Km 243 da Via Anhanguera, entre Santa Rita e Ribeirão Preto, ao passar pela Rodovia Washington Luiz, próximo de Araquarara e de onde avista-se o prédio da Usina Tamoio, uma companheira de viagem fez questão de mostrar para as colegas o lugar onde nasceu, cresceu, estudou e, como muitos que ali nasceram, cresceram e viveram, foi feliz. Sim feliz! Fez questão de ressaltar. Feliz como também expressou o senhor Sebastião, migrante nordestino e antigo trabalhador da usina, quando o entrevistei para minha pesquisa de mestrado. O depoimento desse antigo trabalhador da Usina Tamoio marcou minha memória de pesquisadora e revelou-me o real significado da Usina Tamoio para seus trabalhadores e moradores. Quando lhe perguntei o que Tamoio significou em sua vida, respondeu emocionado:

Ah, pra mim significou que foi uma das melhores coisas da minha vida, porque foi um lugar que eu cheguei, gostei, povo muito bom, muito amigo, tinha uma amizade muito grande. E lá me casei, criei quatro filhos, eduquei, dei um pouco de educação pra tudo eles! E morei 32 anos lá e pra mim foi um dos melhor lugar que eu já morei em toda minha vida! Durante tudo... 69 anos que eu tenho, foi o melhor lugar que eu já morei! Se for pra mim voltar novamente, der uma casa pra mim morar, eu volto novamente lá. Eu prefiro morar lá do que aqui em Araraquara! Porque a gente tinha um ambiente bom lá né. Amigo! Quase que aqui a gente não tem né?

Lá nós tinha a sociedade, tinha a igreja, ia pescar junto, tá no clube jogando um buraco, jogando bocha, vendo futebol... De lá mesmo você já ia pra igreja... Tinha aquelas festas de igreja muito bonita! Fazia uma festa de São Pedro maravilhosa! Os Morganti mandava fazer. Vinha fogos, fogueiros de longe, de fora pra montar aquilo lá. Uma coisa mais maravilhosa! Melhor lugar da minha vida! Porque o povo tem aquela estória de dizer: 'Minha terra natal'. Eu acho que a terra natal do cara é aquela que ele se dá bem. Aonde ele fez a vida dele, aonde ele teve o melhor momento da vida dele, aquela é a terra natal da pessoa! Não adianta nada a senhora dizer que tem a sua terra natal, que nasceu lá não sei aonde, mas lá você só sofreu, você não teve ajuda, você não teve nada pra te auxiliar, você teve que sair de lá. Por que que lá é sua terra natal? Eu acho que a terra natal é aquela onde o cara se dá bem, aliás, a terra natal da gente é o Brasil né? Sendo o Brasil, qualquer lugar é bom! Pra mim é Tamoio. Foi o melhor lugar que eu encontrei! Não tem outro igual! Lá eu fiquei até aposentar. Então eu acho que lá pra mim foi o melhor lugar que eu encontrei. De gente boa, famílias... Tudo amigo um do outro [...] Pra mim Tamoio é o primeiro lugar de toda a minha vida! Que é aonde eu me dei bem, aonde eu realizei minha vida, ou como pobre, ou como operário, eu realizei minha vida lá! Aposentei terminou né! Então eu acho que lá é o melhor lugar. Lá eu fui feliz! (cozinheiro)

A trajetória, a percepção e a história do senhor Sebastião se cruzam e coincidem com as de muitos outros antigos trabalhadores da Usina Tamoio. A felicidade como expressão de um viver permeado pelo trabalho e pela fartura marca suas memórias.

É isto que se pretende resgatar neste trabalho. Uma história de homens e mulheres, mas, sobretudo, de trabalhadores. A história da Usina Tamoio contada pelas vozes de gente concreta, de carne e osso, que lá trabalhou e viveu, que fez dessa Usina o que ela foi e é até hoje na história social de Araraquara, na história da indústria sucroalcooleira de São Paulo e do Brasil, mas principalmente na memória de seus trabalhadores e moradores.

Ao tentar resgatar a história dessa usina procura-se fazer a partir das relações sociais produzidas em seu interior. Toma-se os seus antigos trabalhadores e moradores como sujeitos. Suas recordações e memórias, suas experiências são aqui o fio condutor que permite voltar no tempo e com eles reter e reviver momentos concretamente vividos e sentidos.

A experiência "compreende a resposta mental e emocional, seja, de um indivíduo, ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento." (THOMPSON, 1981, 15).

Na Usina Tamoio, a experiência se formou no ato de viver e de trabalhar, num mundo onde os indivíduos, guardadas as necessárias diferenciações, têm na história comum do vivido uma história compartilhada, o que leva a pensar que a forma como representam aquele mundo é resultado de um tempo concreto de vida. Sim, de vida e de trabalho em um lugar onde homens, mulheres e crianças tiveram a possibilidade de realizar suas vidas, seus sonhos e ser felizes (CAIRES, 1994).

A história da Usina Tamoio e de seus trabalhadores compreende três tempos: O tempo de Velho Morganti (1917-1941), o Tempo dos Filhos do Morganti (1941-1968) representado sobretudo pela pessoa do senhor Hélio Morganti e o tempo após os Morganti (1969-1982), quando a usina é vendida para o grupo Silva Gordo. Estes três tempos demarcam o processo de construção e de decadência dessa Usina, bem como padrões de relacionamentos diferenciados com os trabalhadores.

O tempo do Velho Morganti (1917-1941): fundação e construção do império

Organizada a partir de 1917 por Pedro Morganti, imigrante italiano que chegou ao Brasil na última década do século XIX (1890), a Usina Tamoio está localizada a 8 quilômetros da sede do município de Araraquara/SP, na Rodovia

Washington Luiz, Km 263.

Pedro Morganti foi um grande empresário do setor sucroalcooleiro, um capitão da indústria dos anos 1920 e 1930. Dedicou-se à refinação do açúcar em sistema artesanal desde 1902, na cidade de São Paulo, exercendo também atividades de comércio desse produto. Com seu espírito empreendedor, adquiriu o pequeno Engenho Fortaleza em 1917 e o transformou no império chamado Usina Tamoio. A área da propriedade que na ocasião girava em torno de 2.000 alqueires e abrigava um pequeno prédio industrial, algumas casas e estava ocupada com cana-de-açúcar e café², não tardou a mudar sua aparência. Em 1930, Tamoio já era uma usina e com uma produção média de 3.941,33 sacas de açúcar por ano já respondia sozinha por aproximadamente 12% da produção total do estado de São Paulo, e firmava posição no mercado açucareiro (PACHECO, 1988, p. 20).

Enfrentou percalços, viveu momentos difíceis, principalmente a crise provocada pela praga do mosaico que entre os anos de 1924 e 1926 praticamente devastou os canaviais de São Paulo. Superou a crise adotando novas variedades de cana (javanesas e indianas) mais resistentes à doença e de maior rendimento do que as anteriores e retomou seu potencial produtivo.

As experiências acumuladas por Pedro Morganti, sua posição de grande refinador/comerciante e industrial, a instalação de uma indústria açucareira em uma região cafeeira em crise que abriu espaço para que grandes extensões de terras fossem incorporadas ao seu patrimônio a baixos custos e a política local da década de 1930 favoreceram a expansão dessa agroindústria açucareira na cidade³.

Assim, no período compreendido entre a aquisição do Engenho Fortaleza, em 1917, e a morte de Pedro Morganti, em 1941, a extensão territorial da usina saltou de 2.000 para 5.200 alqueires, aproximadamente. A expansão agrícola, favorecida

pela crise cafeeira, ficou evidente nas memórias do senhor Hélio Morganti, filho do fundador, e do Dr. Procópio de Oliveira, advogado, que trabalhou na usina durante 30 anos.

Com a crise do café, ele [o pai] foi comprando vizinhos, fazendas vizinhas [...] Mas a Tamoio foi... Nós praticamente a cada dois, três anos comprávamos alguma coisa. A usina ia expandindo, ia expandindo, ia comprando as fazendas” (Hélio Morganti)

[...] Eu passei uma escritura. Eu trabalhava no tabelião aquele tempo, então passando a escritura, seu Pedro Morganti comprando do Coronel Francisco Pinto Ferraz. Ele [o coronel] tinha uma fazenda de 200 alqueires de terra de primeira e o Morganti namorava aquela terra, pois estava bem localizada no meio da usina e era uma terra de primeira, estava tudo plantado com café. Aí comprou, fez escritura, até assinaram na casa do coronel... Aí assinamos, seu Pedro também.. [...] Tinha a fazenda do Major Dario de Carvalho, por exemplo, era prefeito aqui em Araraquara. O Velho Morganti comprou a fazenda e anexou lá (na Usina Tamoio). Era de café. [...] É foi na crise. Aí abriu brecha para o Velho Morganti poder ir comprando. (Dr. Procópio de Oliveira – advogado da Usina)

A expansão industrial acompanhou a expansão agrícola. Em 1938, Pedro Morganti importou de Cuba duas moendas usadas, que substituíram a antiga moenda FULTON de 4 ternos, adquirida em 1922. Com esta atitude conseguiu elevar substancialmente os níveis de produtividade. Em 1946, ao bater o record continental da produção de açúcar, a Usina Tamoio se transformou na maior indústria sucroalcooleira do país e da América do Sul (ALBUM DE ARARAQUARA, 1948, p. 124).

Seu crescimento, no entanto, não se deveu apenas à extensão territorial e composição técnica do capital. A forma como Pedro Morganti conduzia as relações de trabalho na empresa foi de fundamental importância para a construção desse império.

Pedro Morganti e a construção da ideologia da grande família

Como um típico representante do capitalismo da época e adepto de uma ética de trabalho incansável, Pedro Morganti procurou difundir entre seus trabalhadores a ideologia do trabalho como fundamento da riqueza, isto é, o trabalho como virtude essencial do trabalhador (MARTINS, 1986, p. 143-150).

O Velho Morganti, como era chamado pelos trabalhadores e moradores da Usina Tamoio, era visto por eles como o verdadeiro Tamoio. Cacique valente, mas ao mesmo tempo homem bom que chegou para salvar a sua tribo dos perigos e da miséria. Pai generoso de uma família só, ou da irmandade em que Tamoio se transformou.

Os antigos trabalhadores e moradores da usina, quando se referem às pessoas que lá viviam e trabalhavam, até hoje, costumam chamá-las de povo tamoioense. Esta expressão, repleta de significado, parece dar unidade ao lugar e identidade às pessoas que lá trabalhavam e viviam, ao mesmo tempo em que desvincula o espaço da usina de outros lugares, criando desta forma uma espécie de nacionalização e atribuindo à usina uma existência quase independente.

Esse simbolismo, todavia, não se deu por acaso, mas encontrou na ampla organização social mantida pela usina e no relacionamento personalizado entre patrões e empregados a fonte de sua construção.

Visto pelos trabalhadores como o construtor do império que lhes garantia o trabalho e uma vida farta e feliz, a imagem de Pedro Morganti reproduzida em monumentos, retratos, discursos... exercia sobre eles a força de um poder simbólico, verdadeira expressão do líder carismático, por quem os trabalhadores e moradores nutriam grande admiração e respeito.

Os trabalhadores mais antigos, quando se referem ao tempo passado, período relacionado à formação da usina e à presença de Pedro Morganti, descrevem-no montado a cavalo, chegando à roça, espaço de trabalho, acompanhado

de seu administrador. Verificando e orientando pessoalmente os trabalhos, dando instruções, ensinando até mesmo como plantar a cana; e na indústria, andando entre as máquinas, conversando com os operários, especulando sobre o trabalho e sobre suas vidas.

“Ele cuidava do que era dele”, disse um trabalhador referindo à administração de Pedro Morganti e ao zelo que mantinha com seu patrimônio. A atenção que dedicava aos trabalhadores, sobretudo aos menos favorecidos, incluía visitas em suas residências e o interesse por seus problemas pessoais e de suas famílias, procurando atendê-los em suas necessidades. Junto com sua esposa, D. Gianina, percorria as seções da usina, participava ativamente da vida dos moradores. Na época de natal, oferecia presentes e outras prendas que traziam alegria e satisfação. Como pais generosos, o casal patronal procurava atender os trabalhadores em suas necessidades materiais e espirituais. Pessoalmente distribuía presentes para as crianças e para os mais idosos.

Principalmente nessa época agora [mês de dezembro, momento em que ocorria a entrevista] ele (o patrão) corria todas as seções pra ver os mais necessitados pra presente de natal. Olha bem, o casal de velhos! Agora era a época. [...] Chegava essa época agora, os velhos chegou em casa de família por família pra ver a necessidade. Pras crianças era brinquedo, pros velhos, os mais idosos, cobertor. Cobertor era agora, nessa época de natal. As viúvas ganhavam... As velhas ganhavam cobertor de presente de natal. Presente de natal era cobertor, roupa... Vinha aqueles caminhão, aqueles caminhão lotados. Então tinha uma enorme festa, uma grande festa pra população de Tamoio! Grande festa mesmo! Podia comer, beber à vontade. Diversão tinha várias entendeu? E pras pessoas que às vezes não tinha roupa pra vestir eles fornecia. Era presente pras crianças todas das seções. Eles conheciam as famílias que eram mais prejudicadas em doença e não podiam trabalhar. Mais gente pra tratar em casa, então... (ex-colono)

² Dados obtidos em entrevista realizada com Hélio Morganti em 1993.

³ Lei número 59 de 1929 - isentou de quaisquer impostos, por 15 anos, as terras ocupadas com cana-de-açúcar

Mantendo um relacionamento pessoalizado no circuito do trabalho e da vida dos trabalhadores e concedendo benesses, Pedro Morganti formulava uma política de trabalho baseada no paternalismo e no clientelismo. Dissimulava, assim, certo autoritarismo com o qual conduzia seus negócios, transformando-se ainda, no olhar dos trabalhadores, em símbolo de capacidade profissional. “Era uma administração muito boa, porque ele tinha grandes qualidades e dirigia aquilo [a usina] com muita habilidade”, disse um antigo colono.

Com uma população trabalhadora de aproximadamente 3.000 trabalhadores fixos e suas famílias, na sua fase áurea [década de 1940] a Usina Tamoio abrigava um contingente de moradores que variava entre 7.000 a 10.000 habitantes,⁴ distribuídos entre a sede industrial e as seguintes seções agrícolas: Santa Elza, Salto, Mantuana, Jacaré, Morro Azul, Serra D’água, Bela Vista, Aparecida, Andes, Banhadinho, Lucânia, Santa Inês, São Carlos, Aparecida, Barreiro, Chibarro, Mariza, Santa Beatriz, Marilú e Santa Joana.

Essa população era composta de colonos de cana, assalariados agrícolas, operários de fabricação, manutenção, empregados da administração, escritórios, transportes, inclusive ferroviário. A estrada de ferro que cortava os canaviais transportando a cana até as moendas era importante fonte de ocupação de mão de obra.

No aparelhamento da usina para o atendimento das demandas sociais dos trabalhadores, a aquisição de antigas fazendas cafeeiras para a transformação de suas áreas em canaviais possibilitou o reaproveitamento da infraestrutura já existente nas fazendas. Além disso, mais casas foram construídas, constituindo um conjunto de aproximadamente 1.500 residências para as famílias moradoras. Havia ainda o Pavilhão e a Ilha, alojamentos dos trabalhadores solteiros e dos migrantes nordestinos, respectivamente. Outros equipamentos importantes

⁴ Estes são os números que mais se aproximam da realidade. Os trabalhadores, quando se referem ao contingente populacional da usina, tendem a exagerar um pouco nos números com a intenção de por em relevo sua importância nos seus bons tempos.

faziam parte do morar, trabalhar e viver em Tamoio, tais como a assistência médica que compreendia o atendimento ambulatorial na sede industrial e nas principais seções agrícolas, atendimento de enfermagem, convênios com hospitais, casas de saúde (Santa Casa de Misericórdia Santa Isabel de Araraquara e Maternidade Gota de Leite) e médicos especialistas de Araraquara (oftalmologista, otorrinolaringologista...) além de ambulatório odontológico; assistência educacional com um Grupo Escolar e seis Escolas Isoladas, formando uma complexa rede que, desde 1941, incluía o oferecimento da merenda escolar e mais tarde a concessão de Bolsas de Estudo; assistência religiosa com igrejas e capelas; clubes recreativos; estádio esportivo; campos de futebol e armazém de fornecimento.

O tempo dos filhos do Morganti (1942-1968)

Em 22 de agosto de 1941, quando ocorre o falecimento de Pedro Morganti, a Usina Tamoio já estava constituída. A quase totalidade das terras que compunham os 5.278 alqueires ocupados com suas lavouras de cana já estavam sob seu domínio. O Engenho Fortaleza havia se transformado em uma das maiores agroindústrias sucroalcooleiras do país. Casas, prédios, canaviais e a ideologia da grande família já estava consolidada.

Aos filhos coube a tarefa de dar continuidade à obra do pai. Êxito que pode-se constatar pela posição de destaque que a empresa ocupou no mercado açucareiro e na cidade de Araraquara até o final da década de 1950.

A nova administração, personificada principalmente na pessoa do senhor Hélio Morganti, procurou manter, com algumas alterações, a política de trabalho adotada pelo pai, e era assim que a maioria dos trabalhadores percebia a figura do Seu Hélio:

Ah, o seu Hélio era um homem muito bom viu! Seu Hélio era um cara muito legal!

Ele era um cara assim, que não tinha muito orgulho. Ele convivia com os empregados. (ex-cozinheiro)

Nesse período, as novas exigências capitalistas fazem ampliar o processo de racionalização e burocratização da empresa com a maior presença de gerentes, chefes, administradores, encarregados, capatazes e fiscais. Apesar disso, o relacionamento horizontalizado e paternalista que marcou o primeiro período da história desta usina permanece com pequenas alterações. A presença do patrão ou da família patronal no cotidiano dos trabalhadores é ainda marcante, sobretudo, em momentos de festas e outros acontecimentos utilizados para reforçar e manter a ideologia do trabalho e da grande família. Após a morte de Pedro Morganti e de sua esposa D. Gianina Morganti, esse trabalho de mediação entre empresa e empregados passou a ser realizado principalmente por Hélio Morganti e sua esposa D. Edith. A presença de outros membros da família patronal entre os trabalhadores era mais esporádica.

Eu tinha uma ascendência muito grande [sobre os trabalhadores], de modo que era muito difícil que eu não conseguisse serenar e resolver os problemas.[...] Pessoalmente! [...] E quantas mulheres que brigavam! E o pior que eu tinha que dar razão a uma; então a outra achava ruim [...] Era tudo no... vencer a turma. Às vezes perdia o dia inteiro com um problema (Hélio Morganti - ex-diretor administrativo e proprietário da usina)

Nas décadas de 1940 e 1950, a Usina Tamoio passou por novo período de expansão. Para isso foram importantes a política dirigista do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) e os subsídios oferecidos pelo Estatuto da Lavoura Canavieira (ELC) promulgado em 1941. Nesse período um fato marcante foi a construção de uma suntuosa igreja mandada erigir, pelos filhos, em homenagem ao pai – a Igreja de São Pedro inaugurada em 1943 e consagrada em 1945. Com a construção dessa igreja, considerada a mais rica da Diocese de São Carlos, e a nomeação de dois padres que moravam usina,

assessorados por uma equipe de vinte coroinhas e dois capelães, as atividades religiosas, que antes estavam restritas à capela da sede industrial, foram incrementadas e estendidas para as outras seções agrícolas, que também mantinham suas igrejas ou capelas. Nessa época, além das tradicionais práticas religiosas como: batismo, crisma, casamento, missas e comunhão, são instituídas as irmandades religiosas: Santíssimo Sacramento, Congregação Mariano, Filhas de Maria, Sagrado Coração de Jesus, Irmandade de São Benedito. Assim, era em torno da igreja que a vida religiosa e boa parte da vida social aconteciam. Por sua suntuosidade e beleza, a igreja de São Pedro se transformou no principal símbolo de poder da usina.

No setor educacional, na gestão dos filhos do Morganti, a iniciativa do pai recebeu forte impulso. Das seis escolas isoladas já existentes, duas foram elevadas à categoria de Grupo Escolar: as das seções Bela Vista e Jacaré. Os Grupos Escolares formavam os filhos dos trabalhadores até a quarta série primária [atual quarta série do ensino fundamental] e nas Escolas Isoladas oferecia-se até a terceira série, podendo os alunos, posteriormente, ser integrados nos grupos para a conclusão do curso primário.

Mais tarde, foi instituído o ensino noturno, o que contribuiu para reduzir ainda mais o elevado índice de analfabetismo existente no território da usina, particularmente da população adulta.⁵ A sopa escolar já oferecida no grupo da sede desde 1941, foi também estendida para os outros grupos do setor agrícola, contemplando as crianças daqueles setores. Além disso, os alunos mais carentes eram supridos com recursos das Caixas Escolares.

No final dos anos 1950, foi criado o Jardim da Infância do Seu Hélio e com a aprovação do projeto de lei no. 846/58, de autoria do Deputado Estadual Scalamandrê Sobrinho, foi instituído o

⁵ Em 1950, conforme dados do censo realizado na Usina Tamoio, o percentual de analfabetos acima de 7 anos era de 38,71%. A instituição do ensino noturno, na usina, teve por objetivo reduzir e esse índice.

Ginásio Estadual da Usina Tamoio, que passou a funcionar em meados da década de 1960. Com a criação do ginásio, possibilitando o acesso de parcela importante da população mais jovem ao curso ginásial, ampliaram-se as possibilidades de estudos para os trabalhadores e seus filhos, inclusive para aqueles que residiam nas seções agrícolas.

Ainda nesse período, mais casas foram construídas para servir de residência para os trabalhadores e suas famílias, aperfeiçoando-se, ainda, os serviços de infraestrutura básica, com a extensão e melhorias da rede de água, energia elétrica e esgoto.

Os serviços de assistência médica e hospitalar, odontológica, farmacêutica, à maternidade e à infância, também mereceram a atenção do usineiro com a construção de um centro de puericultura que oferecia atendimento pediátrico e fornecimento de leite para as crianças até a idade de um ano.

No setor industrial, em 1951, é adquirida e instalada uma moenda FULTON de seis ternos, importada dos Estados Unidos - o que havia de mais moderno para a época e a primeira moenda do tipo no Brasil. Com esta aquisição, a usina conquistou definitivamente a sua hegemonia no mercado açucareiro. A bem estruturada organização industrial, com utilização de tecnologia avançada conjugada à ampla organização social, caracterizou o pioneirismo desta usina na indústria sucroalcooleira de São Paulo, assegurando-lhe, na década de 1950, a posição de usina modelo do país.

Esse pioneirismo reconhecido pelas inúmeras visitas de industriais do ramo à usina, no período de sua fase mais dinâmica, foi também destacado na entrevista realizada com Hélio Morganti.

Agora, a parte mais importante que eu acho além da parte social, é o que tinha Tamoio, e sem falsa modéstia eu era talvez a alma de tudo, foi o pioneirismo industrial que Tamoio estabeleceu no Brasil inteiro em relação à tecnologia do açúcar. Tamoio foi o berço da nova tecnologia do açúcar [...] Eu viajava muito, ia muito pra congressos. Eu estava bem a par de toda a coisa e as melhores. Todas as

máquinas até 1968, tudo o que se fez, tudo ... praticamente tudo o que se fez na indústria açucareira, Tamoio estava na frente. Tanto assim, por exemplo, nós em 1951, instalamos em Tamoio a melhor moenda do mundo, era a primeira moenda totalmente acionada com turbina a vapor. Antigamente existiam motores a vapor que hoje ... A moenda de Tamoio com turbina a vapor que veio em 1951 é ainda a mãe de todas as moendas que se construíram no Brasil. E foi... foi da moenda de Tamoio que surgiram as 300, 400 moendas que têm no Brasil. São todas cópias. 98% são cópias da moenda de Tamoio. [...] Foram copiadas por indústrias mecânicas do Brasil. A Dedini começou a construir todas as moendas - a maioria. Depois começou a Zanini. A Zanini era em Ribeirão Preto, começou a fazer as moendas. As moendas depois vieram... mas eu acredito que no Brasil, todas as... Eu acho que 99%, 98% das moendas atualmente funcionando, no Brasil, são todas filhas da moenda de Tamoio, todas filhas de Tamoio. [...] ficaram simplificadas, porque a moenda de Tamoio era um pouco sofisticada. Foi tirada aquela sofisticação e ... Foi abrasileirada, e hoje, até hoje, todas as moendas que têm...[...] No norte, nordeste, tem algumas que são importadas ainda. São Paulo, seguramente, 100% são. (Hélio Morganti – usineiro e diretor administrativo)

Pelos trabalhadores, as décadas de 1940 e 1950, marcadas como o período de auge desta usina, foram vividas com grande euforia. Festas fartas, grandes bailes e carnavais movimentados marcaram os bons tempos dos Morganti. Uma das principais foi a grande festa promovida por ocasião da visita de Juscelino Kubitschek que deixou registro na história da usina e na memória social do grupo. Os trabalhadores mais antigos rememoram essa festa como um dos grandes momentos vividos em Tamoio:

O Lino Morganti parece que estava fazendo campanha pra ser deputado federal. [...] Foi ele que trouxe o Juscelino aí. O Juscelino veio mesmo! Esse eu tenho certeza porque eu estava na festa! Nossa Senhora! Aquilo

era festa pra ninguém botar defeito! Foi lá no pátio da usina lá. Nossa Senhora! O que tinha de coisa lá! Pelo amor de Deus! Até hoje acho eu nunca fui numa festa que tinha tanta coisa igual aquela! [...] Foi festa que tinha: prato, garfo e faca, tudo assim (mostra a disposição dos talheres nas mesas) Mesa! Cada seção sua mesa! É cada seção foi convidada certa quantidade de pessoas né. Tudo mais bem arrumadinho! Você não saía do seu lugar pra ir buscar o prato não; vinha ali na mesa te servir! Tinha: farofa, linguiça frita, churrasco, água mineral, cerveja... [...] Fizeram desfile bonito de caminhões, tratores, essas coisas desde o aeroporto lá de Tamoio, até aqui em baixo na usina, pra receber o Juscelino (ex-balanceiro)

Essa organização reforçava a percepção daquele mundo como um lugar ideal. A necessidade de a empresa manter uma organização na qual a promoção do prazer por meio do lazer, associado às garantias de sobrevivência que a usina oferecia (armazém, remédios, assistência médica e hospitalar e, sobretudo, a casa) estimulavam o trabalho e geraram a percepção de uma vida farta e feliz.

A manutenção dos trabalhadores em colônias, conjugada com toda essa organização social, além de outras concessões extramonetárias, pode ser entendida como expressão das formas utilizadas pela usina para a fixação de sua força de trabalho, em um ambiente controlado, regado e disciplinado.

A presença da Usina Tamoio na cidade de Araraquara

Com toda esta ampliação, a Usina Tamoio que no âmbito municipal já ocupava posição de destaque desde a década de 1920 (MARTINEZ CORREA, 1967), passou a ter importância ainda maior. Na medida em que os seus lucros eram redistribuídos em atividades de cunho assistencial e cultural na cidade de Araraquara, que vinha de um período de retração na sua expansão urbano industrial, a empresa e seus dirigentes passaram a gozar de grande prestígio na sociedade araraquarense e comunidade industrial local.

Com a Constituição Federal de 1946, ocorreu certo empobrecimento financeiro tributário do município no Brasil. Possivelmente por essa razão, assim como pela necessidade de complementar os serviços de assistência à saúde oferecida à sua força de trabalho, e até mesmo por exigência das novas leis de proteção à produção açucareira⁶, unindo esforços com o poder local, os Morganti investiram ativamente no setor assistencial da cidade.

Data do final dos anos 1940 e anos 1950, a intensa colaboração da família Morganti com as seguintes obras: ampliação do prédio da Maternidade Gota de Leite de Araraquara, onde eram atendidas as parturientes da usina; ampliação das instalações do Asilo de Mendicidade de Araraquara, cujos trabalhos de construção ficaram a cargo dos trabalhadores da Usina Tamoio, graciosamente cedidos pela família Morganti; construção de um prédio para funcionamento do Posto de Puericultura na Vila Xavier [um dos maiores bairros da cidade, na época], que recebeu o nome de Posto de Puericultura Comendador Pedro Morganti, em homenagem ao fundador da usina, e inaugurado em 22 agosto de 1950.

No setor cultural, o Núcleo de Belas Artes de Araraquara contou com o valioso patrocínio de Hélio Morganti, homem de grande caráter benemérito. O apoio às artes, expresso na significativa contribuição prestada ao Núcleo de Belas Artes de Araraquara, os sucessivos salões de fotografias organizados na sede na usina, a exibição de peças teatrais, entre outros eventos artísticos e culturais marcaram o caráter aristocrático dos Morganti. O mecenato promovido por Hélio Morganti, nos anos 1940 e 1950, serviu para reforçar os vínculos entre a família Morganti e a cidade de Araraquara. Não foram raros os eventos cívicos e sociais, particularmente, formaturas que Hélio Morganti foi convidado a paraninfar.

As ações deste empresário, seu caráter solidário e, sobretudo, o incentivo à religião católica promovida na Usina Tamoio conferiram-lhe, em 1949, o título de Comendador concedido pela Comenda de São Gregório Magno pelo Papa Pio XII.

⁶ Refiro-me ao Estatuto da Lavoura Canavieira promulgado em 1941.

Nos últimos anos da década de 1940, até o final da década de 1950, registraram-se, ainda, ampliações na organização industrial e social da usina, com a construção de oficinas mecânicas; marcenaria; implementação das atividades assistenciais: de assistência material, médica, religiosa e recreativa, com o equipamento de um armazém de fornecimento e um ambulatório médico no setor Bela Vista, em 1950 e 1958, respectivamente; aquisição de uma ambulância, em 1948; construção de um prédio para funcionamento do Círculo Operário Católico, em 1951; construção de um campo de pouso para Avião de pequeno porte, em 1958; organização de uma biblioteca que recebeu doações de obras literárias e científicas dos dirigentes da empresa, membros da família Morganti, comunidade empresarial de Araraquara e também de alguns empregados mais graduados e construção de uma sala para projeções de filmes e apresentações de peças teatrais, onde aconteciam frequentes eventos. No conjunto das ampliações ocorridas, nesse período, a construção de um grande estádio esportivo para incrementar as atividades esportivas e recreativas foi destacada, como um grande passo na política de assistência ao trabalhador.

[...] E a inauguração desta praça de esportes na mesma ocasião em que se instala a nova moenda traduz a continuação da mesma política de assistência ao trabalhador seguida pela empresa com o mesmo sentido e o mesmo reconhecimento que Pedro Morganti lhe emprestava: cuidar do aperfeiçoamento da indústria sem esquecer nunca o operário que a movimentava. Neste Estádio os 10.000 habitantes de Tamoio encontrarão a oportunidade de retemperar as suas forças e recrear o espírito na realização da velha divisa do ‘mens sana in corpore sano’. Aqui a nossa mocidade irá fazer reservas de energia para o orgulho e a defesa da nacionalidade (Lino Morganti – filho de Pedro Morganti)

Ainda, outros equipamentos, como açougue, farmácia, padaria, loja de ferragens, loja de tecidos e armarinhos, torrefação de café, fábrica de sabão,

leiteria, sorveteria, instituto de beleza, gabinete dentário, agência postal, serviço telefônico e um serviço de ônibus⁷ que ligava a cidade de Araraquara à Estação de Tamoio, em horários compatíveis com os trens da Cia Paulista de Estrada de Ferro, atribuíam à usina características tipicamente urbanas e asseguravam que todas as condições e necessidades de reprodução social dos trabalhadores e de suas famílias fossem satisfeitas no interior da usina, permitindo, também, que todo o ciclo de vida se passasse no seu território e sob o olhar vigilante do patrão. Deslocar-se de lá, conforme afirmam os trabalhadores e moradores, era necessário apenas para registrar um filho,⁸ ou visitar um parente que morasse em outra localidade; coisa rara, aliás, pois toda, ou quase toda a família do trabalhador morava na usina.

A estrutura urbana que a usina sustentava incluía ainda uma hospedaria similar a um hotel cidadão, que garantia hospedagem de boa qualidade para as pessoas que por lá passavam para visitas e/ou trabalhos temporários (fiscais, artistas de circo, de teatro, estagiários, engenheiros diversos etc.)

O destaque à Usina Tamoio, como a maior organização usineira dos anos 1950, ficou evidente no discurso proferido por Eurico Jaime Guerra, presidente do IAA, por ocasião da inauguração da Moenda FULTON, em 1951.

São Paulo hoje grande produtor de açúcar, acompanhando as necessidades de consumo brasileiro deste gênero de primeira necessidade, oferece-nos neste instante um dos estabelecimentos fabris com instalações das mais modernas, oferecendo-nos um espetáculo admirável que no Brasil de hoje é uma simples miragem. (Revista Umuarama, n. 49, 1954)

⁷ A empresa Fernandes e Cia Ltda foi organizada em 1940 com apenas 5 veículos, fazendo serviços de transportes da Usina Tamoio - Conforme Álbum de Araraquara de 1948.

⁸ Conforme informações colhidas em entrevistas, isto só acontecia no período mais recente. Nos tempos áureos da usina, os serviços cartorários eram realizados no seu próprio interior, por um escrivão que semanalmente, às quintas-feiras, se deslocava para lá com o fim de efetuar os assentamentos de nascimentos e casamentos.

Em outubro de 1957, com uma produção de 513.180 sacos de açúcar e 5.911.824 litros de álcool, a Usina Tamoio liderava a produção sucroalcooleira, entre as 93 usinas de São Paulo (Revista Umuarama, n. 84, out. 1957).

Com toda essa organização, a Usina Tamoio passou a constituir passagem necessária para todos os cidadãos ilustres que visitavam Araraquara dos quais destacam-se Jânio Quadros, quando governador do Estado de São Paulo, Juscelino Kubstickek, quando em campanha eleitoral

Em visita realizada à cidade em 28 de maio de 1957, por uma equipe de jornalistas de Ribeirão Preto, durante o almoço oferecido na casa sede da usina, uma réplica da casa dos O’Hara do filme E o vento Levou, Paulo A. C. Silva, redator chefe do O Imparcial, o mais importante jornal local na época, destacou a importância da Usina Tamoio e da família Morganti para a cidade de Araraquara, comparando-a ao Itamaraty.

[...] A mansão dos Morganti, seu coração e veias são a própria razão de ser do progresso de Araraquara. A Usina Tamoio tem sido o Itamaraty de nossa terra, partindo daqui os grandes movimentos de apoio ao aperfeiçoamento industrial, agrícola, comercial e cultural da região. São também os Morganti responsáveis pelo progresso que atravessa a cidade de Araraquara em diversos sectores de suas atividades (Revista Umuarama, n. 80, p. 90, 1957)

Os vínculos da Usina Tamoio e da família Morganti com a cidade de Araraquara ficaram, ainda, registrados na homenagem que lhe prestou a Câmara Municipal, em 1954, dando a uma via pública da área central da cidade o nome do fundador da usina e patriarca da família: Comendador Pedro Morganti (Rua 12).

O viver na Usina Tamoio

Entrar para trabalhar na Usina Tamoio significava ocupar uma casa, ou um lugar nos alojamentos.

A alocação nas casas obedecia a posição que o trabalhador ocupava na hierarquia do processo de trabalho e, conseqüentemente, na estrutura social da usina. Assim, os trabalhadores que ocupavam posições estratégicas na produção do açúcar e do álcool moravam nas casas maiores e equipadas com banheiro interno, forro de madeira, piso de cerâmica ou vermelhão, água encanada e energia elétrica. Algumas casas possuíam banheira e, enquanto essas abrigavam trabalhadores que ocupavam posições mais elevadas na escala hierárquica da usina, os mais humildes e suas famílias residiam em casas mais modestas.

Quando eu morava na Mantuana era uma casa de tijolo, simples, uma casa rústica. Não tinha forro, não tinha banheiro, isso aí não existia naquele tempo, 1920/23. Quando eu saí de lá em 37 (1937)... Nasci naquela casa e fiquei naquela casa. Era uma casa grande, tinha três quartos, sala... Mas era rústica, o piso era tijolo, não tinha água. A água a gente tinha que buscar uns 300 metros longe, pra tratar de animal, pra... na lata... pra tudo né, pra lavar roupa, pra tudo!- Quando eu mudei pra sede, quando eu me casei, depois que eu me casei, antes eu morava com um tio meu, a casa era razoável, era uma casa mais ou menos boa, no centro, uma casa mais ou menos, forrada de madeira, não tinha banheiro, tinha luz elétrica, tudo, água né. Agora depois que eu me casei, depois então eu já galgava uma posição um pouquinho mais ... Adquiri uma certa posição, aí então já fui morar... Eu morei uns meses numa casinha muito ruim, mas enquanto eu aguardava a casa que eu tinha que morar. Aí eu passei... Fui morar numa casa mais ou menos: três quartos, sala, cozinha, banheiro, murada... Tudo!” (ex-encarregado de fabricação)

Os diversos padrões de casas existentes era um dentre outros sinais das diferenciações que marcavam o espaço social na Usina Tamoio. A disposição enfileirada das residências dos operários, contraposta à localização estratégica das casas dos empregados ligados à administração, reproduzia um padrão de organização do espaço comum às

organizações usineiras da época. A forma como os indivíduos se encontravam hierarquizados no espaço caracterizava um sistema de estratificação social determinado por seus conhecimentos técnicos, habilidades no trabalho e consequente nível de renda, decorrente da posição ocupada na estrutura produtiva e social da empresa (LEITE LOPES, 1978, 1988).

Esse padrão de organização que incluía ainda a construção de igrejas, clubes recreativos, estádio esportivo, campos de futebol, cinema, lojas, armazém, banda de música etc. dava à usina um ar de urbanidade e contribuía para a fixação dos trabalhadores no lugar.

A banda de música, formada por trabalhadores e moradores, criada e mantida pela usina, além de participar das comemorações oficiais abrilhantando-as e animando-as, tinha ainda por função alegrar as festividades e espaços de lazer dos trabalhadores. Sob a cadência da música tocada pela Banda, trabalhadores e moradores, sobretudo os jovens, realizavam o footing aos sábados e domingos à noite, em área central da sede industrial.

Na época a gente falava... Hoje fala: “Vou paquerar”. Na época falava flertar. “Vou dar uma flertada.” A gente falava footing. A gente fazia footing ali naquele trecho de onde era a farmácia até o começo do escritório, a gente fazia footing ali, no meio, onde tem a subida que vai pro sobrado [casa sede da usina]. Então ali ficava a banda, ficava a banda que era da usina, composta de pessoal da usina, que fazia a banda. Eles ficavam tocando e a gente ficava passeando, paquerando os meninos. [...] Ah! Era tão bom! Mas tão bom! (ex-colona)

O armazém responsável pelo fornecimento dos elementos necessários à subsistência dos trabalhadores e seus familiares possuía características de um comércio regularmente estabelecido. Os preços das mercadorias comercializadas procuravam obedecer os mesmos parâmetros praticados no comércio da cidade de Araraquara,

o que era feito mediante pesquisa prévia.

O futebol como tradição nacional foi incentivado e reapropriado pela usina. Dentre as modalidades esportivas praticadas como: Voleibol, Basquetebol, Atletismo, Ciclismo, dentre outras, o Futebol, inegavelmente, ocupava posição de destaque, ultrapassando as fronteiras de um amadorismo. A atuação de grandes times como o Palmeiras e Santos Futebol Clube, com a presença de jogadores famosos como Ademir da Guia e Pelé, marcou a história futebolística de Tamoio. Importantes campeonatos amplamente prestigiados pelos trabalhadores, com altos índices de comparecimento nos campos, marcavam as tardes de domingo. Mais do que motivo de prestígio externo, o futebol na Usina Tamoio representava uma atividade paralela e quase obrigatória às atividades na fábrica. Em uma empresa que contratava apenas o pessoal de dentro, os Filhos de Tamoio, o futebol representava uma porta de entrada para trabalhadores vindos de fora. Jogar bola, ser bom jogador era fundamental para o processo de recrutamento de alguns trabalhadores.

[...] se a pessoa ia ajustar: moço, rapaz, então ele já sabia que Tamoio tinha um bom time de futebol, então tinha. Ele chegava lá: -“O que você sabe fazer?” - “Ah, eu não sei, profissão assim eu não tenho.” - “você joga bola?” - “Ah, eu gosto de jogar bola.” -“Que posição você joga?” - “Ah! Zagueiro.” - “ Então vem aí amanhã, amanhã tem um treino.” Então o cara ia treinar, se fosse bom, se desse pra ser aproveitado no time então ele seria ajustado pra trabalhar numa seção que desse oportunidade pra ele treinar, que ele pudesse sair aos domingos pra jogar, porque conforme o lugar, conforme o serviço que ele ia fazer não podia sair, que a usina não para.. (ex-encarregado de fabricação)

Os trabalhadores que jogavam futebol, particularmente aqueles que atuavam no Tamoio Futebol Clube distinguiam-se dos demais por gozar de status de jogador de futebol. Isso além de lhes garantir algumas regalias, em relação ao conjunto dos trabalhadores, assegurava, ainda, a sua ascensão

e estabilidade na empresa.

[...] Os bons jogadores... A gente sempre procurava auxiliar também na carreira profissional dele. Por exemplo, esse trabalhava na sacaria, depois parece que melhorou, foi pra outro setor da usina, trabalhar... Então havia interesse da gente de manter esse cara na usina. Era interesse do time. (ex-diretor do Tamoio Futebol Clube)

O futebol, enquanto paixão popular, unia os tamoioenses em torno do seu time, mas quando eram organizados campeonatos interseções, acabava por se transformar num fator de divisão e dissensão entre os trabalhadores das diversas seções, gerando rivalidade esportiva.

Tinha época de ter campeonatos internos, da gente ir torcer. Tinha vários times sim. Cada um tinha a sua torcida. [...] Sempre tinha rivalidade – esportiva. (ex-balanceiro)

Como parte do viver na Usina Tamoio, o futebol integrava todos os momentos importantes da vida dos trabalhadores e moradores. As festivas tardes de domingo, passadas ao lado dos craques, entre a bola no pé e o grito de gol e as festas de 1º. de maio nas quais o futebol era componente obrigatório são rememoradas pelos antigos trabalhadores e moradores como momentos de êxtase.

No 1º. de maio... porque todo dia 1º. de maio, lá, no tempo do Morganti, eles faziam uma festa... Mas festa mesmo! Dava churrasco de graça pra todos os trabalhadores, tudo por conta dele. Depois na antevéspera do dia, às 5:00 horas da manhã, já tinha sabe? Era o dia de São Pedro, porque lá o padroeiro era São Pedro. 1º. de maio e dia de São Pedro, eles faziam festa. 1º. de maio e dia de São Pedro, 29 de junho. É eles faziam festa lá. Isso aí eles faziam mesmo! E no começo do Morganti mesmo, no auge que o Morganti estava bem, estava bom aquilo lá, então eles faziam festa, assim, direto! Faziam aquele churrasco! Aquela coisa! Tudo por conta dele! A gente comia, bebia por conta da fazenda e

não tinha enrosco. Aquilo era o povo todo... Lá tinha quase 12.000 pessoas lá. Eles juntava tudo aquilo, vinha os ônibus, tinha ônibus, trazia o povo de caminhão aqui da cidade, daquelas seções que ficavam fora, em volta ali, baldeavam tudo pra sede. Eles mandava trazer, mandava trazer.. O futebol não podia faltar. (ex-mecânico da seção de mecanizada)

As festas, particularmente as de 1º. de maio, que reuniam os habitantes de todas as seções representavam o momento maior de encontro e confraternização dos trabalhadores das diversas seções. Essas ocasiões, que contavam com a presença do patrão, reforçavam e reavivavam o espírito da grande família.

E a festa de São Pedro e 1º. de maio. Então essa era fora de série! Tinha toda quanto é diversão pra criançada brincar, todo esporte, tudo! Até a hora do jogo que era a sensação pra todo mundo. Das 8 horas da manhã que acaba a missa até a hora do jogo era pra turma de lá. Era jogo de seção. Começava às 8 horas, ia disputar o torneio de um com outro, etc. Era uma família desde as da sede até a última seção! Uma família né. (ex-administrador)

O futebol e as festas de 1º. de maio não eram, contudo, os únicos ingredientes dessa vida feliz. O natal comemorado com recebimento de presentes vindos diretamente das mãos do patrão, os bailes semanais que aconteciam nos clubes recreativos, especialmente os carnavalescos, o cinema, a biblioteca, as idas aos circos e parques, associadas às garantias materiais de existência completavam a receita que consagrava essa felicidade garantidora de satisfação e prazer.

Mas era em torno da igreja e das atividades por ela promovidas que o espírito da grande família atingia proporções ainda maiores, expresso na fé e na religiosidade do povo tamoioense. No conjunto de atividades promovidas pela igreja, a Semana Santa e a festa de São Pedro, que homenageava simultaneamente o Santo Padroeiro e o patrono da usina (Comendador Pedro Morganti) destacavam-se

como um momento de sublimação da fé religiosa.

Semana Santa era perfeita! Todo mundo saía de casa pra participar da Semana Santa. A procissão do enterro, de Tamoio, na sexta-feira da paixão, é inacreditável! Porque hoje... Nós que contamos isso e vivemos... Era procissão quilométrica, era por quilômetro e todo mundo saía de casa, aquele pessoal da seção vinha todos eles pra igreja. A usina punha condução, punha em cada seção, dois, três ônibus pra trazer o pessoal. Quando não tinha ônibus, vinha de caminhão. E eles queriam participar... Era uma maravilha! Uma maravilha mesmo! (ex-gerente de armazém)

Na igreja, espaço privilegiado de desenvolvimento da vida social, assim como nos bailes, no futebol, nas festas, no cinema e em outros espaços daquele mundo, muitos se encontravam, se conheciam, estabeleciam relações de amizade, namoro e casamento.

Nós que era moço, nós ficava lá namorando, sabe? Namorinho né. Quinta feira tinha música em frente da igreja, sábado, domingo... Então eles acabava de jogar futebol no domingo, a turma ia pro cinema. Então... com as moças, então ia dar volta em frente a igreja. (ex-encarregado. de pátio)

O campo religioso se apresentava como uma das dimensões mais complexas no conjunto das relações sociais produzidas no interior da Usina Tamoio. A importância e o peso da religião católica perpassavam, aliás, todas as dimensões da vida e do trabalho do povo tamoioense.⁹ As irmandades religiosas também merecem destaque nessa organização social. Em 1948, entre sede e seções agrícolas as irmandades religiosas registravam uma população de adeptos formada por 400 Congregados Marianos, 380 Filhas de Maria, 60

⁹ Todo o início e fim de safra eram comemorados com a celebração de uma missa, que reforçava a ideologia do trabalho como uma atividade sagrada. O ritual de início de safra, extremamente significativo, incluía uma homenagem especial ao Comendador Pedro Morganti, com o depósito de uma cordeille de flores aos pés da Herma de Pedro Morganti, instalada no salão nobre da usina.

Senhoras Zeladoras do Apostolado da Oração, 50 Congregados da Irmandade de São Benedito, 80 crianças da Cruzada Eucarística e 20 irmãos do Santíssimo Sacramento (Revista Umuarama, no. 13, junho de 1948).

A igreja, o clube, o futebol, o cinema, os bailes, as festas, os carnavais, entre outras atividades, compunham uma corrente propiciadora de prazer que só terminava com o trabalho. Um trabalho, entretanto, que não era percebido como uma atividade desgastante e penosa. Os vários elementos propiciadores de satisfação e prazer transformavam as longas jornadas em um tempo de trabalho realizado com amor.

Lá na usina a gente era tão alegre! Fiscal não precisava se preocupar que a gente trabalhava mesmo. Tinha amor de trabalhar. Hoje em dia, ninguém mais trabalha com amor. Só trabalha porque precisa do salário e a gente era o contrário. A gente não ligava pra dinheiro. A gente trabalhava porque gostava de trabalhar. Não estava preocupado em ganhar tanto. A gente tinha o que comer. Não tinha o luxo que tem hoje [...] A gente estava sempre cantando [...] A gente tinha remédio, tinha médico, hospital, tinha tudo! (ex-colona)

Apesar da ampla vida religiosa estimulada pela usina, as atividades pagãs também estavam presentes e materializaram-se na construção de clubes recreativos, espaços em que outra importante dimensão da vida social se desenvolvia. Os bailes semanais e os movimentados carnavais que ocorriam nos clubes são lembrados pelos antigos trabalhadores e moradores da Usina Tamoio como momentos importantes de suas vidas. Anualmente, em meio a festas, adereços, alegorias e muita alegria, os clubes da usina promoviam os concursos que elegiam as rainhas do carnaval. Cada clube elegia a sua rainha. Os bailes e as festividades carnavalescas que aconteciam em Tamoio nada ficavam a dever aos carnavais da cidade. Prestigiados pelos trabalhadores e moradores, o desfile de carros

alegóricos percorria a rua principal da sede industrial, enquanto nos clubes brincava-se e dançava-se.

O carnaval de salão era no clube; só que essas máscaras grandes, essas coisas não entrava no salão; era só de dia, na rua. Então tinha tocador: um tocava sanfona, outro tocava violão, outro tocava bumbo, outro tocava não sei o que lá, outro tocava pistão... Então ele ia sambando e o pessoal tocando... (ex-balanceiro)

Dois clubes recreativos o Cruzeiro e o Rancho Alegre acomodavam as diversas categorias sociais que a usina mantinha, constituindo espaços diferenciados que recortavam segmentos e demarcavam posições no espaço social.

Lá existiam duas categorias, mas era... Então na época que eu cheguei, então se dizia: Salão dos brancos, salão dos pretos. Como de fato tinha dois salões. Mas era muito bonito, não tinha essa discussão. Os brancos sim! Os classe baixa era no salão dos pretos, vamos dizer, era o Rancho Alegre e classe alta, naquele tempo era uma grande chefia, então os mais poderosos eram separados, mas só nos bailes. Agora no jogo de futebol e coisa lá, tudo era igual! (ex-administrador)

Se esta divisão punha em questão a idéia da grande família, sua reconstituição e preservação aconteciam a partir do momento em que a regra de os pretos não frequentarem o clube dos brancos e os brancos o clube dos pretos não era rigorosamente respeitada. Aos brancos era permitida e entrada no clube dos pretos, enquanto pretos não podiam entrar no clube dos brancos.

E salão de baile nós tinha dois: Tinha o Cruzeiro que chamava salão dos brancos e tinha o Rancho Alegre que era o salão dos pretos, que era na parte de baixo, sabe? Nós brancos ia lá nos pretos, mas os pretos não podia vir nos brancos. (ex-encarregado de pátio)

Ao lado dessas atividades profanas, as festas dos padroeiros reconhecidas e incentivadas pela igreja expressavam o momento do sagrado. E embora cada seção tivesse o seu santo padroeiro, somente as festas de São Judas Tadeu, na seção Bela Vista, e de Nossa Senhora Aparecida, na seção Salto, podiam ser equiparadas à festa de São Pedro - padroeiro da sede da usina.

Fora do controle da igreja, as festas juninas que aconteciam na sede industrial e nas seções agrícolas e a festa de São Gonçalo, tradicional na Bela Vista, além do caráter sagrado conservavam sua dimensão lúdica. Particularmente, a festa de São Gonçalo, realizada anualmente na Bela Vista por um morador que assumia o papel de festeiro, se constituía numa “prática popular espontânea” (ZALUAR, 1983, p. 36) e representava mais um momento de encontro entre as famílias quando os valores do grupo eram lembrados (a grande família, moral familiar, disciplina, religiosidade, idéia de fartura, solidariedade e alegria).

Fora isso (São Judas Tadeu e o Carnaval) tinha Folia de Reis, essas festinhas de São João, tinha São Gonçalo.[...] São Gonçalo é uma promessa, uma reza e um tipo de diversão. Então a pessoa que faz, faz uma promessa, então convida tudo e tira prenda, depois tira prenda, aquela prenda é revertida pro próprio pessoal que tá ... que tá ali participando. Então eles dão: licor, anizete, pão, pão feito em casa, essas coisas né. Ninguém vai... porque a reza de São Gonçalo é a noite toda, ela tem que acabar 6:00 horas da manhã. E três voltas que dá e as três voltas dura a noite toda. E pra ser completo tem que rezar, fazer terço, depois negócio de bater o pé, esse negócio. Então tem que ter as três voltas completas, porque senão... Que nem festa de... É um folclore né. (ex-balanceiro)

Não apenas as manifestações religiosas populares e espontâneas como a Festa de São Gonçalo na Bela Vista, mas também as festas juninas, reuniões entre famílias vizinhas, os animados bailes da seção Mariza e das colônias operárias, as danças em plena

rua, o serviço de alto-falante organizado na Bela Vista, que oferecia músicas e transmitia recados aos moradores estimulando a sociabilidade, os concursos de cantores que contavam sobretudo com a participação das crianças, expressavam espaços e momentos da manifestação de espontaneidade, ao mesmo tempo em que atribuíam um caráter de divertimento e alegria permanente na vida cotidiana da população. Isto fica evidente nos depoimentos de trabalhadores e moradores:

No tempo de moço... Nossa! Nós tinha uma quadrilha de mocinho lá... Nossa Senhora! Nós fazia uma farra de sábado... a gente dançava na rua mesmo lá, sabe? Tinha um rapaz que tocava bandolim e tinha um pretinho que tocava sanfona. De domingo de tarde eles se reuniam na porta de casa lá, na rua assim, começavam tocar e aí já ferrava um baile, já começava ali mesmo, eles começava a tocar... (ex-colona)

E na Mariza (seção agrícola da usina) baile era direto na Mariza. Nós fazia baile de sábado. Então quando fazia um casamentinho lá, que tinha um casamento, aí fazia uma barraca. [...] Cada casa tem 10 metros uma longe da outra e naquele cercado de 10 metros, nós fechava uma barraca de uma casa na outra. Nós fazia aquele terreiro tudo num palizado, falava palizado de eucalipto e cobria lá com encerado, com folha de palmeira, coqueiro... Nós ia buscar tudo quanto era mato. Ih! Nós trabalhava a semana inteira. Fazia aquela barraca e então aquilo lá enquanto não caísse, começasse a apodrecer, não parava. Todo sábado tinha baile lá... [...] “Vamos dançar aqui! [...] Deixava o tocador contratado pra tocar no sábado. Então sábado já sabe heim! 7:00 horas heim! Não tem nada de 11:00 horas que nem agora não. 7:00 horas, 7:00 horas se as meninas chegassem lá, tudo cheio e o tocador não tivesse lá... Aí meu Deus! [...] O baile ia até 7:00 horas do outro dia. Noite inteira. às vezes o sol já tava quente tinha gente. Alguns só que saíram, pouca... precisava trabalhar muito cedo, mas sempre uns 30 ou 40 tinha ali dentro prá ficar até 7:00 horas” (ex-mecânico. mecanizada)

[...] e tinha as festas entre famílias. Agora eu só posso falar da minha turma. Eu não sei como que era nas outras... nos outros grupos. A gente tinha uma coisa legal, que chamava assustado. A gente dava nome de assustado. Assustado era o seguinte: Todo aniversário, aniversário... então era assim: os amigos vinham na casa da gente, então eles traziam os pratinhos de salgadinho, tudo , e a gente só dava a casa e a bebida. Então aniversário da turma, assim, era tudo comemorado, então era assim. (ex-moradora)

As festas oficiais, como formaturas e outros momentos importantes da vida dos trabalhadores (casamentos, batizados, etc), com a presença do padrão também ficaram na memória e nas fotografias que os trabalhadores e moradores preservam com carinho. As fotografias procuram reavivar uma vivência mediada pelo trabalho, mostram uma importante dimensão daquele mundo - a rede de sociabilidade. Quando retiradas da gaveta ou daquela caixinha de mimos e hoje publicadas em uma Rede Social¹⁰ permitem reviver e reafirmar o clima de amizade, de festa e de solidariedade que reinava na Usina Tamoio. Aspecto, aliás, do qual mais se tem saudades.

[...] Quando essa minha filha, [...] mais velha, quando ela tirou o diploma do ginásio, ele (o padrão) deu um coquetel lá no sobrado. Ele com a família dele, todos alunos, professor... Eu tenho foto deles, de todos eles! (ex-cozinheiro)

A propósito, as festas de formaturas, lembradas como parte de um tempo bom, expressam não apenas mais um espaço privilegiado de sociabilidade infanto-juvenil, mas também o valor atribuído à escola. Além do seu caráter educativo, a escola é lembrada por sua dimensão lúdica. Marca o tempo do divertimento, das brincadeiras, dos teatrinhos, das festas...

¹⁰ Antigos trabalhadores e moradores da Usina Tamoio mantêm atualmente uma página no Facebook, na qual são publicadas notícias de eventos que reúnem o “povo tamoioense”, além de fotos antigas e recentes.

Então toda festa de fim de ano, tinha a festa de entrega de diploma das quartas séries. Cada classe tinha um bailado, ou um teatrinho, ou um... Alguma coisa, sabe? Geralmente era bailado, e você treinava isso durante o ano. Então era gostoso participar disso! [...] E as fantasias... Era tudo com fantasia, bonito, colorido... E as fantasias eram os Morganti que davam também, patrocinavam. (ex-moradora)

Como instituição modelar, a escola constituía-se em outra importante dimensão daquele mundo. A concepção de boa educação estava atrelada à qualidade do ensino e à noção de disciplina e rigidez:

Era tudo de primeira qualidade. Nós tínhamos um diretor professor Francisco de Nápoli, já falecido, era um excelente diretor. Enérgico! Era uma pessoa que impunha respeito. Muito culto, era uma pessoa super culta e então ele exigia o máximo de educação, os alunos tinham educação. Tinha horário pra tudo. Os professores também eram selecionados, era de uma rigidez fantástica. Então foram quatro anos de primário que valeu quase pra um colegial. Foi bem rigoroso, tanto na disciplina como na parte de didática, parte de educação... E o lazer era maravilha. Era... Nós tínhamos recreio, era fornecido de manhã, no período da manhã o leite, a tarde mais leite também, depois futuramente que foi posto merenda, essas frutas, mas antes era servido um copo de leite todo dia de manhã, a tarde também! Então foi assim. Eu fiz quatro anos no grupo de Tamoio. Maravilha! (ex-moradora)

Socializadas neste sistema, as crianças, futuros trabalhadores, ao incorporarem o aspecto disciplinar, tendiam a reproduzi-lo, não apenas no espaço da escola, mas também no espaço familiar doméstico. O lema ordem e progresso, apregoado pela empresa, procurava orientar e conduzir não só o trabalho, mas também a vida de seus trabalhadores e moradores.

Casa, vizinhança e toda a rede de sobrevivência que a usina sustentava formavam um todo dinâmico que atribuíam sentido à vida naquele espaço. O tempo de trabalho, de moradia e de convivência,

na Usina Tamoio, é lembrado como um tempo bom na existência concreta dos homens, mulheres e crianças que lá trabalharam e viveram.

Meu período de Tamoio é um período que eu lembro sempre assim com muita... Com muita alegria, com muita... Sabe? Eu não consigo pensar em nada ruim naquela época. (ex-moradora)

Viver na Usina Tamoio significou para seus antigos trabalhadores e moradores muito trabalho que, em contrapartida garantia a fome saciada e a satisfação derivada de uma sociabilidade muito singular. Além do alimento tirado da terra ou dos armazéns mantidos pela usina, as festas, os bailes, os presentes, o futebol, a religiosidade, a amizade e a solidariedade eram os ingredientes que nutriam uma vida farta e feliz. Assim como para o senhor Sebastião, mencionado na introdução deste trabalho, nos depoimentos dos trabalhadores e moradores, quando questionados sobre o significado de terem morado, trabalhado e vivido na Usina Tamoio, encontra-se a confirmação de que trabalho e vida constituem esferas indissociáveis.

Significou uma vida. Lá me casei, lá batizei meus filhos, crismei, fiz minhas bodas de prata lá naquela igreja de Tamoio, fiz grandes amizades e só espero completar 50 anos de casado pra fazer minhas bodas de ouro lá naquela igreja (ex-gerente)

Pra mim foi uma grande satisfação [...] Foi muito bom! [...] Que tendo passado tudo, 37 anos foi uma vida, porque fui pra lá com 20/21 anos e saí de lá com 58, pra aposentar. (ex-administrador)

A importância que eu tenho daquela usina é que eu vivi ali, me criei ali, vivi minha vida ali, minha mocidade foi lá dentro. Trabalhei bastante, não teve assim uma regalia. Só trabalhando e fartura, teve boa fartura, passei minha vida dentro de uma fartura e trabalhando (ex-colono)

Uma vida! Eu cheguei lá com 19, 20 anos, fiquei 36 anos. Uma vida inteira! (ex-escriturário/fotógrafo)

Aquilo é como se fosse um berço pra gente. Você vê. A gente nasceu, se criou lá dentro [...] não passou necessidade de nada...» (ex-mecânico)

Eu gostava de morar na usina porque ali [...] a usina pra mim era tudo meu (ri) Tava na lavoura, tava na usina... Eu achava que lá pra mim era melhor por causa disso, porque era livre. Aqui eu me sinto livre só aqui dentro de casa, lá fora não! Agora lá na usina? Lá eu andava na usina inteira, lá era tudo meu (ri). (ex-motorista)

É, ainda, na esfera do viver, que a história incorporada ativa o outro lado da história: a história no seu estado objetivado.

Ah, o que significou pra mim, que lá nós tinha casas boas, salário bom. Então cativa a pessoa ficar no lugar. Você não tinha despesa com nada! Você não sabia quanto custava o aluguel de casa, quanto custava a compra, quanto custava a água, pra trocar uma coisa na torneira vinha o encanador, pra mexer na luz vinha o eletricitista. Então você não sabia quanto custava a vida lá, isso daí... depois que eu vim pra cá que eu vi quanto custava a vida. (ex-encarregado. de pátio)

Na aventura de viver, o trabalho é a verdadeira razão de ser e de existir. A existência da Usina Tamoio está estreitamente ligada à existência de cada um dos seus antigos trabalhadores e moradores, e aos momentos mais importantes de suas vidas: nascimento, crescimento, casamento, nascimento dos filhos, batismo e educação.

As marcas da decadência

Ao mesmo tempo em que se expandia e se firmava como a maior organização sucroalcooleira

do país, ocupando posição privilegiada no mercado do açúcar, a Usina Tamoio começou a apresentar sinais de crise. Os primeiros sintomas da crise surgem em 1957, quando ocorrem atrasos nos pagamentos dos salários dos trabalhadores. A partir de 1965 e 1966 esta situação se agrava.

Após a grande expansão da indústria sucroalcooleira paulista nos fins dos anos 1940 e 1950, a década de 1960 marcou um novo período na história do setor. Nos anos 1960, a política dirigista do IAA, com a limitação de cotas de fabricação e a regulação dos preços do açúcar, favorecendo os usineiros do nordeste em detrimento dos paulistas provoca uma crise estrutural no setor açucareiro de São Paulo. Muitos usineiros, ansiosos por recuperar a rentabilidade de suas empresas, optaram por expandir suas lavouras de cana, a capacidade de suas máquinas e aparelhagem industrial. Isso teria provocado um endividamento que levou cerca de duas dezenas de usinas do Estado a enfrentarem sérias dificuldades financeiras, ficando próximas da insolvência. Muitas chegaram efetivamente a esta situação extrema. (GNACCARINI, 1972, p. 187-188)

Na década de 1960, mudanças estruturais ocorrem na economia do país, cujos reflexos não deixaram de ser sentidos pela Usina Tamoio. A modernização da agricultura brasileira, particularmente a paulista, as mudanças na legislação trabalhista com a promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), em 1963, a política repressiva do pós-1964 e também certas particularidades próprias deste grupo empresarial, são fatores que devem ser considerados para uma tentativa de explicação da debacle desse forte grupo usineiro.

Na década de 1950, a euforia expansionista sugere grandes inversões em capital, para as quais possivelmente a empresa não possuía disponibilidade financeira. Possíveis dívidas contraídas nesse período se agravaram com a grave crise que se verifica em todos os setores da economia nacional nos anos de 1962 a 1967. Em 1953, com o intuito de diversificar a produção e expandir seus negócios, o grupo Morganti investiu

grande capital na construção de uma fábrica de papel e celulose no município de Piracicaba. Apesar da carência de dados sistemáticos que permitam avaliar criticamente a interferência desse investimento nas finanças do grupo, pode-se presumir pelas informações obtidas em entrevistas realizadas com antigos empregados dos setores administrativos e trabalhadores em geral, que a crise teria começado a se desencadear a partir da construção dessa fábrica de papel. De acordo com a percepção de um antigo advogado da empresa, a instituição da correção monetária, com a reforma tributária do pós-1964, teria inviabilizado o cumprimento da dívida assumida para a construção da fábrica de papel e celulose, o que tornou a dívida insustentável, agravando a situação de crise financeira que a empresa enfrentava desde meados da década de 1950.

Ainda, as mudanças estruturais que ocorrem na economia brasileira e a crise vivida pela empresa impõem modificações no padrão de relações sociais entre o final dos anos 1950 e 1960. Os fortes vínculos que uniam patrões e empregados, fundamentados no paternalismo e clientelismo com que os Morganti conduziam as relações de trabalho na empresa, vão cedendo lugar a um tratamento mais racional e compatível com as novas necessidades de acumulação do capital.

No início dos anos 1950, em 1952 precisamente, a empresa anuncia um plano de racionalização do trabalho. Com o uso de novas técnicas de cultivo da cana (plântio em curva de nível) e de máquinas agrícolas pretende realizar a redução da mão de obra ocupada nas lavouras de cana. Essas mudanças ocorrem lentamente, mas, mesmo assim, provocam mudanças nas formas habituais de trabalho e nas relações de trabalho vigentes. Nesse contexto, os colonos são os primeiros a ser atingidos, com a aceleração do processo de expulsão dessas famílias trabalhadoras, o que se prolonga até 1964.

Em 1961, discutia-se a necessidade de redução de mão de obra permanente nas seções agrícolas e criava-se planos para isto. Enquanto, algumas usinas da região já tinham suas lavouras de

cana praticamente mecanizadas e ocupavam trabalhadores temporários em grande escala e sob a mediação de turmeiros, Tamoio ainda ocupava em suas lavouras de cana grande contingente de trabalhadores fixos. A mecanização da lavoura embora já iniciada, não tinha ainda a intensidade e eficiência necessária. O problema do volume de mão de obra fixa empregado nas suas lavouras e as despesas dele decorrentes, colocavam-se na ordem do dia exigindo a sua redução, ainda que de maneira gradativa. Nessa ocasião, as medidas modernizadoras incluíam, além da mecanização de áreas ainda não mecanizadas, a proposta de quimificação da carpa e tratos culturais, mecanização de várias operações de safra como o carregamento da cana, por exemplo, e a substituição da mão de obra fixa por mão de obra volante, contratada sob a mediação de turmeiros.

Em fevereiro de 1963, não tendo havido a plena efetivação das medidas propostas em 1961, novo plano de redução de mão de obra é elaborado, colocando a necessidade de aceleração da modernização da lavoura, visto que estava em eminência a possibilidade de aprovação o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR).

A realidade impunha novo direcionamento, remodelação urgente. A administração da empresa admitia:

As dificuldades que nossa empresa vem periodicamente sofrendo foram e são exclusivamente por não termos adequado aos tempos a nossa administração. Sendo de primordial importância para a sobrevivência da Empresa as medidas que ora estamos tomando, pedimos o esforço, a boa vontade e a máxima cooperação de todos os funcionários, empregados e operários da Refinadora Paulista S/A. (Circular Administrativa de 1966)

Nesse momento, a crise já era evidente. Os atrasos nos pagamentos de salários dos trabalhadores se apresentavam como um problema crônico. Mudanças nas relações de trabalho, que

ocorriam desde o final dos anos 1950, com cortes nas concessões que giravam em torno da casa (cobrança de aluguel, de água, de energia etc), a imposição de padrão mais pessoal de relacionamento entre patrão e empregados, novas regras e novos controles, fazem emergir um movimento político reivindicatório por parte dos trabalhadores que, nesse momento, parecem descobrir os direitos, antes obscurecidos pelas benesses patronais. A Justiça do Trabalho torna-se palco de reivindicações por meio de processos coletivos e individuais.

Em 1967, substituindo o Estatuto da Estabilidade, entra em vigor a lei n. 5.107/66, que institui o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), gerando mais um ônus para a empresa e para o seu caixa já deficitário. Assim, ao contrário do que se verifica na maioria das empresas na época (FERRANTE, 1978), o processo de substituição da estabilidade pelo FGTS se deu de forma relativamente tranquila, sem grandes pressões da empresa para que os trabalhadores optassem pelo novo regime. Muitos trabalhadores continuaram sob o regime de estabilidade, tendo as indenizações sido negociadas em acordos ainda na gestão Morganti. Esses acordos negociados com base em parte da indenização devida (em torno de 60%) e pagos em até sete parcelas contribuíram para que a empresa reduzisse seu passivo trabalhista, e promovesse uma reciclagem no seu quadro de empregados.

Apesar de todos os esforços, a empresa não conseguiu vencer a crise e acabou em abril de 1969, transferindo-se por meio de venda para o Grupo Silva Gordo, forte detentor de capital financeiro.

Outros fatores, possivelmente, teriam contribuído para a transferência da usina para o grupo Silva Gordo em 1969. A crise familiar que se instalou no grupo Morganti, a partir do falecimento de um dos acionistas, foi segundo Hélio Morganti, a principal causa da venda da usina.

Difundida entre os trabalhadores, esta representa a versão predominante justificadora da venda da usina para o novo grupo proprietário. De uma

maneira simplista, os trabalhadores ainda costumam associar a crise da usina à uma vida supostamente nababesca levada pelos Morganti, com despesas, na percepção deles, desnecessárias e que se constituíam em esbanjamento. O envolvimento de um dos membros da família Morganti em jogos de azar (corrida de cavalo) e de outro na política, são lembrados como exemplos desse esbanjamento e que, de acordo com a opinião dos trabalhadores, teriam provocado desvios de capital da usina para essas atividades.

Desta forma, a Usina Tamoio e o Grupo Morganti passaram a incorporar a estatística das empresas do tipo familiar que não ultrapassaram a terceira geração.

REFERÊNCIAS

CAIRES, Ângela Cristina Ribeiro. Nem tudo era doce no império do açúcar: Usina Tamoio (vida, trabalho e lutas – 1917-1969). 1994. 402 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara, 1994.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. FGTS: ideologia e repressão. São Paulo: Ática, 1978

GNACCARINI, José César A. Estado, Ideologia e Ação Empresarial na Agroindústria Açucareira no Estado de São Paulo. 1972. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo, USP, 1972.

LEITE LOPES, José Sérgio. A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés. Brasília: Editora Marco Zero - UNB - em co-edição com MCT/CNPq, 1988.

MARTINEZ CORRÊA, Ana Maria. História Social de Araraquara - 1817/1930. 1967. 421 f. Dissertação (Mestrado em História), USP, 1967.

MARTINS, José de Souza. O Cativo da Terra.

São Paulo: Hucitec, 1986.

PACHECO, Carlos Américo. Café e Cidades em São Paulo: um estudo de caso de urbanização na região de Araraquara e São Carlos-1880/1930. 1988. 123 f. Dissertação (Mestrado em Economia). São Paulo: UNICAMP, 1988.

THOMPSON. E. P. A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

ZALUAR, Alba. Os Homens de Deus. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ÁLBUNS, JORNAIS, REVISTAS

ALMEIDA, Nelson Martins de. (org.). ÁLBUM DE ARARAQUARA. 1. ed. Araraquara/SP: Editor Nelson Martins de Almeida, 1948.

Revista Umuarama. Órgão de divulgação interna da Usina Tamoio, 1947 - 1962.